



PATRICIA HIGHSMITH

CAROL



RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Publicado originalmente nos Estados Unidos em 1952 com o título *The Price of Salt*
Edição revista com um posfácio da autora
Copyright © 1984 by Claire Morgan
Copyright © 1993 by Diogenes Verlag AG Zürich
Todos os direitos reservados

Nas páginas 128 e 130 é citada a letra da canção *Easy Living* de Leo Robin e Ralph
Rainger, Copyright © 1937 by Famous Music Corporation, Copyright renewed 1964
by Famous Music Corporation, e publicada com a sua autorização.

Título: Carol ou O Preço do Sal
Título original: *Carol or The Price of Salt* (1952)
Autora: Patricia Highsmith
Tradução e Nota de Leitura: Ana Luísa Amaral
Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)
sobre imagens do filme *Carol* (2015), de Todd Haynes

© Relógio D'Água Editores, Novembro de 2015

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-545-7

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º: 399649/15

Patricia Highsmith

Carol
ou O Preço do Sal

Tradução e Nota de Leitura de
Ana Luísa Amaral

Crime Imperfeito

“Olá”, disse a mulher, sorrindo.

“Olá.”

“O que se passa?”

“Nada.”

Pelo menos, a mulher tinha-a reconhecido, pensou Therese.

“Tem alguma preferência de restaurante?”, perguntou a mulher, quando já estavam as duas no passeio.

“Não. Seria bom encontrarmos um que fosse sossegado, mas não há restaurantes desses aqui perto.”

“Dá tempo de irmos até ao East Side? Não, não deve dar, se só tem uma hora. Penso que sei de um lugar que fica a dois quarteirões para oeste, seguindo esta rua. Acha que tem tempo?”

“Sim, claro que sim.” Era já meio-dia e um quarto. Therese sabia que ia chegar atrasadíssima, mas isso não tinha qualquer importância.

Não falaram durante o caminho. De vez em quando, a multidão de gente separava-as, e houve uma vez em que a mulher olhou Therese de relance, através de um carrinho de mercadorias, cheio de vestidos. E sorriu-lhe. Chegaram a um restaurante com vigas de madeira e toalhas de mesa brancas, que, miraculosamente, estava sossegado, e semivazio. Sentaram-se numa cabina larga e de madeira, e a mulher pediu um *old fashioned* sem açúcar, convidando Therese a tomar um também, ou um xerez, e, quando Therese hesitou, mandou o empregado embora, com um aceno e o pedido da bebida.

Tirou o chapéu e passou os dedos pelo cabelo louro, uma vez de cada um dos lados, e olhou Therese.

“E de onde veio essa ideia tão bonita de me mandar um postal de Natal?”

“Lembrei-me de si”, disse Therese. E olhou para os pequenos brincos de pérolas, que não eram nem mais claros nem mais leves do

que o seu cabelo ou os seus olhos. Therese achava-a bela, embora o seu rosto fosse agora uma mancha, porque ela não a conseguia olhar directamente nos olhos. A mulher tirou algo da carteira, um batom e uma caixa de pó-de-arroz, e Therese viu a caixa do batom — dourada como uma jóia, e com a forma de uma arca saída do mar. Therese queria olhar para a boca da mulher, mas os olhos cinzentos, tão próximos dela, cintilando sobre ela como fogo, afastavam-na.

“Não trabalha ali há muito tempo, pois não?”

“Não. Só há duas semanas.”

“E não vai lá ficar muito mais tempo — provavelmente.” Ofereceu um cigarro a Therese.

Therese pegou no cigarro.

“Não. Hei-de arranjar outro trabalho.” Inclinou-se para o cinzeiro que a mulher segurava, para a sua mão esguia, de unhas ovais pintadas de vermelho, para as costas da sua mão salpicadas de sardas.

“E costuma ficar inspirada e mandar postais?”

“Postais?”

“Postais de Natal.” E a mulher sorriu de si para si.

“Claro que não”, disse Therese.

“Bom, um brinde ao Natal.” Tocou com o copo no copo de Therese e bebeu um gole. “Onde mora? Em Manhattan?”

Therese disse-lhe onde morava. Na Rua 63. Contou-lhe que os seus pais tinham morrido, que ela vivia em Nova Iorque havia dois anos e que antes disso tinha andado numa escola de Nova Jérсия. Mas não lhe disse que a escola era em parte religiosa, uma escola episcopal. Também não lhe contou da irmã Alicia, que adorava e em quem pensava tantas vezes, dos seus olhos azul-pálidos, do seu nariz feio, e de como era, ao mesmo tempo, austera e doce. E não lhe contou da irmã Alicia, porque, desde ontem de manhã, a irmã Alicia tinha sido arredada e ficado muito aquém da mulher que se sentava agora à sua frente.

“E o que costuma fazer no seu tempo livre?”

O candeeiro sobre a mesa fazia com que os seus olhos ficassem cor de prata, cheios de luz líquida. Até a pérola no lóbulos da sua orelha parecia viva, era como uma gota de água que um levíssimo toque pudesse destruir.

“Eu...” Deveria dizer-lhe que costumava trabalhar nas suas maquetes? Que fazia esboços, que por vezes pintava, que esculpia coi-

sas como cabeças de gato e minúsculas figuras que pensava um dia usar nos cenários de ballet, mas que aquilo de que mais gostava era dar longos passeios sem destino, que aquilo de que mais gostava era sonhar? Therese sentiu que não precisava de lhe dizer nada disto. Sentiu que os olhos da mulher não podiam deixar de, olhando tudo, entender tudo. Completamente. Deu mais um gole na sua bebida, apreciando-a, embora a bebida fosse, ao engolir, como a mulher, pensou. Aterradora e poderosa.

A mulher acenou ao criado e mandou vir mais duas bebidas.

“Gosto disto.”

“De quê?”, perguntou Therese.

“Gosto que alguém me tenha enviado um postal, alguém que eu não conheço. Era assim que tudo deveria ser no Natal. E este ano gosto especialmente que isto tenha acontecido.”

“Fico contente.” Therese sorriu, perguntando-se se ela estaria a falar verdade.

“É uma rapariga muito bonita”, disse a mulher. “E também muito sensível, verdade?”

Podia estar a falar de uma boneca, pensou Therese, tal a forma casual com que observara que ela era bonita.

“Eu acho-a maravilhosa”, disse Therese, encorajada pela segunda bebida e não se importando em como as suas palavras poderiam soar, porque sabia que, de alguma forma, a mulher o sabia.

A mulher riu, lançando a cabeça para trás. Era um som mais belo do que a música. Fazia-lhe uma pequena ruga ao canto dos olhos e franzia-lhe os lábios vermelhos, à medida que puxava o fumo do cigarro. A mulher contemplou Therese por instantes, os cotovelos pousados na mesa e o queixo apoiado na mão que segurava no cigarro. O seu corpo era como uma longa linha, que subia desde a cintura do fato preto e justo e se alargava até ao ombro, e do ombro até à cabeça loura e altiva, de cabelo fino e rebelde. Devia ter uns trinta ou trinta e dois anos, pensou Therese, e a filha, para quem ela comprara a maleta e a boneca, teria talvez seis ou oito anos. Therese conseguia imaginar a criança, o cabelo louro, o rosto dourado e feliz, o corpo esguio e bem-proporcionado, sempre a brincar. Mas o rosto da criança, ao contrário do rosto da mulher, de faces curtas e de uma solidez nórdica, era vago e sem interesse. E o marido? Therese não o conseguia visualizar.

Disse: “Tenho a certeza de que pensou que tinha sido um homem a enviar-lhe o postal de Natal, não foi?”

“Pensei”, disse a mulher, a meio de um sorriso. “Pensei que tivesse sido o homem na Secção de Esqui que o tinha enviado.”

“Desculpe.”

“Não, não, estou encantada.” A mulher reclinou-se no assento. “Dúvido muito que eu tivesse ido almoçar com ele. Não, estou encantada.”

O aroma escuro e vagamente adocicado do perfume da mulher tornou a assaltar Therese. Era um aroma que sugeria seda verde-escura, e que era só dela, como o aroma de uma flor especial. Therese inclinou-se mais para a frente, olhando para baixo, para o copo. Queria arremessar a mesa e lançar-se para os braços da mulher, enterrar o nariz na echarpe verde e dourada que lhe rodeava o pescoço. Houve um instante em que as costas das mãos de ambas se tocaram muito levemente sobre a mesa, e Therese sentiu como se aquela parte da sua pele estivesse agora separada e viva, ardendo. Ela não entendia, não conseguia compreender, mas era assim. Therese olhou o rosto da mulher, que estava ligeiramente virado, e soube novamente desse momento de semi-reconhecimento. Mas soube também que não podia acreditar nesse momento. Nunca a tinha visto antes, àquela mulher. Se tal tivesse acontecido, poderia alguma vez esquecê-la? No silêncio, Therese sentiu que estavam ambas à espera de que a outra falasse, e todavia o silêncio não parecia estranho. Os pratos delas tinham chegado. Tinham pedido creme de espinafres com um ovo em cima. O creme escaldava e cheirava a manteiga.

“Por que razão vive sozinha?”, perguntou a mulher, e, antes de dar por isso, Therese estava a contar-lhe a história da sua vida.

Mas não em detalhes entediantes. Contou-a em seis frases, como se tudo importasse menos do que uma história que ela tivesse lido algures. E o que importavam os factos, realmente? Se a sua mãe era francesa, inglesa ou húngara, ou se o seu pai fora um pintor irlandês ou um advogado checoslovaco, ou se tinha sido bem ou mal-sucedido, ou se a mãe a tinha levado para a Ordem de Santa Margarida, apresentando-a como uma criança de oito anos, problemática e chorona, ou como uma criança de oito anos, problemática e melancólica? Ou se ela tinha sido feliz no colégio? Porque ela era feliz agora, a partir de hoje. Não precisava de pais, nem de passado.

“O que pode ser mais aborrecido do que a história passada?”, perguntou Therese, sorrindo.

“Talvez futuros que não cheguem a ter história.”

Therese não reflectiu sobre a frase. Era isso mesmo. Sorria ainda, como se só agora tivesse aprendido a sorrir e não conseguisse parar. A mulher sorriu com ela, com ar divertido, e Therese pensou que talvez se estivesse a rir dela.

“Que tipo de nome é Belivet?”, perguntou.

“É checo. Foi mudado”, explicou Therese, com embaraço. “Originalmente...”

“É muito original.”

“E como se chama?”, perguntou Therese. “O seu primeiro nome?”

“O meu nome? É Carol. Por favor não me chame nunca *Carole*.”

“Por favor não me chame nunca *Thereese*”, disse Therese, pronunciando o “*th*.”

“Como gosta que seja dito? Therese?”

“Assim, da forma como o faz”, respondeu ela. Carol pronunciava o seu nome à maneira francesa, *Terez*. Therese tinha-se habituado a uma dezena de variações e, por vezes, ela própria o pronunciava de formas diferentes. Gostava da forma como Carol o pronunciava, e gostava dos lábios de Carol dizendo-o, ao seu nome. Uma saudade indefinida, de que só de tempos a tempos tivera consciência, tornou-se agora um desejo reconhecível. Era um desejo tão absurdo, tão confrangedor, que Therese o expulsou da mente.

“O que costuma fazer aos domingos?”, perguntou Carol.

“Nem sempre tenho planos. Nada em particular. O que costuma fazer?”

“Nada — ultimamente. Se me quiser vir visitar um destes dias, é muito bem-vinda. Pelo menos há campo no sítio onde vivo. Quer vir este domingo?”

Os olhos cinzentos olhavam-na agora de frente e, pela primeira vez, Therese fitou-os. Viu neles uma ponta de humor. E que mais? Curiosidade; e desafio também.

“Quero”, disse Therese.

“Que jovem estranha você é.”

“Porquê?”

“Lançada do espaço”, disse Carol.